

NOVA HISTÓRIA DO HOMEM

Pascal Picq

Este livro publicado na França em 2009, ganhou o grande prêmio Moron de Filosofia e Ética da Academia Francesa. Seu título original é "Nouvelle histoire de l'Homme".

Não foi publicado no Brasil, mas foi em Portugal. Seu autor, o francês Pascal Picq, 57 anos, é paleoantropólogo do Collège de France.

O livro é bem recente e já leva em consideração os últimos achados, como o *Homo floresiensis*, Toumai, Orrorin, etc. No entanto, o autor não escreve para descrever tais achados, tampouco escreve sobre as teorias paleoantropológicas. O autor faz, na verdade, uma análise filosófica das descobertas e suas implicações para a construção de um novo Humanismo.

Trata-se de um livro de filosofia, mas uma filosofia que tenta entender o Homem sobre um ponto de vista evolutivo, com parentes primatas, e invariavelmente fazendo parte da natureza.

Na primeira parte do livro (O Homem e o Universo), o autor conta detalhes da vida de Giordano Bruno, um humanista provocador, e de Galileu Galilei, um humanista circunspecto e pragmático, e suas turbulentas relações com os membros da Inquisição.

Esta parte do livro é espetacular, porque mostra detalhes muito importantes que, geralmente, passam despercebidos pelos livros de História.

Sobre Giordano Bruno

"O fato de ter recebido o apoio de todos os grandes de seu tempo, de ter publicado tantos livros e de o seu processo ter durado tanto tempo (6 anos) revela a importância do personagem, numa época fortemente sacudida pelas querelas filosóficas, pelos conflitos religiosos e pela emergência das ciências."

Cosmologias

O autor analisa as várias cosmologias construídas pelo homem e conclui que, todas elas têm um ponto em comum: o antropocentrismo.

"Ignoramos a quanto tempo o *Homo sapiens* tem a cabeça repleta de cosmologias. O fato de isso ser universal aponta para uma origem muito antiga, se bem que essa ideia simples e lógica continue a ser alvo de grande controvérsia. Uma virtude do método relativista consiste em considerar que todas as cosmologias são complexas, à semelhança das línguas, porque todas mantêm um discurso coerente sobre o universo. É também esta a hipótese da qual parte toda a análise estrutural. Aparentemente, todas estas cosmologias partilham uma mesma característica: elas são antropocêntricas ou, por outras palavras, centradas no homem e na sua realidade biológica. O homem pensa o cosmos à sua dimensão, sendo o microcosmos que resume o macrocosmos, como se imaginava na Idade Média."

Finalismo Cósmico

Depois de explicar a história do Finalismo Cósmico e suas tensas relações com a evolução do Homem, o autor demonstra como a Paleoantropologia foi fortemente influenciada por pensadores como Teilhard de Chardin, "cuja

construção filosófica e teológica retoma a ideia vitalista de um universo tenso entre um alfa e um ômega e no qual o Homem é a conclusão de um processo, um Homem cujo espírito se harmoniza com todo o cosmos. Encontramos aqui elementos dos pensamentos de Giordano Bruno e de Espinosa: reconciliar a matéria e o espírito." (página 31)

Os últimos 25 milhões de anos

No meio de sua cadeia de pensamentos filosóficos, o autor faz uma breve pausa para resumir alguns eventos importantes de nossa evolução:

"Há vinte e cinco milhões de anos, os Hominóides desenvolvem-se na África, a terra das nossas origens segundo o estado atual dos nossos conhecimentos. Uma África isolada dos outros continentes - a Europa e a Ásia - pelo mar de Tétis. Este retira-se e separa o Próximo do Médio Oriente. Certas linhagens de Hominóides aproveitam para se dispersar e diversificar na Eurásia há cerca de dezessete milhões de anos. O ramo europeu extingue-se há cerca de seis milhões de anos, devido ao fato de ter secado o Mediterrâneo, um dos últimos vestígios do grande Tétis. O ramo asiático alcança também um grande sucesso, mas só sobrevivem os últimos orangotangos de Sumatra e de Bornéu, cujos dias já estão contados. Restam, pois, a África e a família dos Hominóides, a nossa, a qual pertencem os atuais chimpanzés, os bonobos e os gorilas. Ignoramos quase tudo das nossas velhas histórias de família há mais de sete milhões de anos. É precisamente por volta dessa época que a linhagem dos chimpanzés e a dos homens (anunciados?) se separa. Onde? Na África Oriental com o Orrorin, no Quênia, ou na África Central, com Toumai? É a controvérsia atual que agita o pequeno mundo dos paleoantropólogos. Seja como for, as nossas origens situam-se na África e é provável que as convulsões geológicas que alteram a geografia dos vales do Rift tenham infletido, de uma maneira ou de outra, a história de nossa família." (pág. 36)

Espécies de homens

"A história natural dos últimos homens da Pré-História teria sido completamente diferente se não fossem as glaciações. Em períodos frios, a Europa cobre-se de glaciares cujo degelo forma um grande mar que cobre a sua região oriental. Populações de *Homo erectus* confinadas às suas regiões ocidental, central e meridional evoluem para os homens de Neandertal ou *Homo neanderthalensis*. Aliás, é a redução do nível das águas que leva outros *Homo erectus* ao aquipélago da Sonda, na Ilha de Java.

Durante os períodos interglaciários mais clementes, enquanto os Neandertalenses saem da Europa e se deslocam para o leste, os homens de Java tornam-se homens de Solo ou *Homo soloensis*. Alguns deles deslocam-se em jangadas para a Ilha de Flores e tornam-se *Homo floresiensis*. Quanto a nós, *Homo sapiens*, as nossas origens encontram-se na África e no Próximo Oriente. Ainda há quarenta mil anos, quando se declarava o último grande período de glaciário, a Terra era habitada por quatro espécies de homens. Hoje, só resta uma. A evolução, tal como a História, não se repete, porque é contingente. Há cerca de uma glaciação, talvez houvesse mais homens ou ainda mais espécies de homens. Só resta uma." (páginas 37/38)

Diversidade magnífica de humanidades

"Estranho *Homo sapiens*, que procura outras inteligências na imensidão do céu, desprezando ao mesmo tempo as de outros homens que desapareceram há tão pouco tempo. Entre o *Homo ergaster*, o primeiro homem no sentido rigoroso do termo, e o *Homo sapiens*, o último homem, desenvolve-se uma diversidade magnífica de humanidades.

Apenas há quarenta mil anos, a Terra era habitada por homens de Neandertal, de Solo, de Flores e de Cro-Magnon. Desde então, só restamos nós. Talvez seja esta solidão tão brutal e recente que nos faz perder a cabeça. O que seria das nossas cosmologias em presença de outros homens? Divaguemos e imaginemos que o biface lanceolado do *Homo ergaster* prefigura o foguetão Ariane; que o fogo apela à potência dos reatores e que penetrar no ambiente noturno convida à exploração espacial. Os homens pensam no céu há muito tempo e o fato de estarem no seu centro não passa de uma fábula." (página 45)

Bípede sem pelos

"A História da Filosofia dá conta de uma controvérsia entre Platão e Diógenes a propósito de uma definição do Homem. Platão afirma sem rodeios: 'O Homem é um bípede sem pêlos'. Diógenes abandona o debate e regressa um pouco mais tarde com um frango depenado. Exibe-o no meio dos presentes e diz: 'Eis o Homem de Platão!'.

É quase impossível imaginar uma cena dessas entre os animais, destituídos de ironia, incapazes de rir e sobretudo estranhos a esta interrogação fundamental: O que é o Homem?" (página 56)

A primeira dissecação de um antropóide - 1698

"Numa passagem de *Cândido*, os protagonistas vêem duas jovens fugindo de dois antropóides. *Cândido* e os seus companheiros disparam e abatem os dois animais, julgando salvar as duas jovens. Essas debulham-se em lágrimas porque lhes mataram os amantes.

Encontramos nessa narrativa a imagem perturbante desses grandes macacos capazes de se manterem de pé. Os primeiros grandes macacos que pisaram em solo europeu foram os chimpanzés e os orangotangos. O estudo anatômico efetuado pelo cirurgião Edward Tyson em 1698 impõe-se desde logo como uma referência no pequeno mundo dos naturalistas. Nele se afirma que os chimpanzés se parecem mais com os homens do que com outros macacos devido às suas características anatômicas, nomeadamente a ausência de cauda, uma caixa torácica pouco profunda e larga e a capacidade de se manterem em pé. O mesmo conclui Nicolaes Tulp, o cirurgião que se pavoneia no centro do célebre quadro de Rembrandt, *A Lição de Anatomia*, após a dissecação de um orangotango." (pág. 94)

Systema Naturae – 1758

"Lineu baseia-se nessas obras e propõe no seu sistema da natureza - Systema Naturae - uma classificação na qual o homem se encontra perto dos macacos e sobretudo dos grandes macacos na ordem dos Primatas. Graças a essa ousadia, Lineu é o fundador das ciências naturais, quando o que ele tenta é descrever a ordem posta na natureza pelo Criador. Buffon profere então a sua célebre frase: 'Deus criou, Lineu classificou'. A sua obra ainda serve de referência e a sua ideia genial de atribuir nomes latinos a todos os seres vivos impõe-se desde então a todos os naturalistas. É a ele que devemos o nosso nome de *Homo sapiens* ('o homem que sabe'), no seu Systema Naturae de 1758.

O *Homo sapiens* do Século das Luzes conhece uma perturbação da razão perante tantas semelhanças. As muitas iconografias da época mostram os grandes macacos eretos ou sentados, em atitudes humanas ou humanizadas. Desta vez, já não estamos no domínio da caricatura, mas no da interrogação dos limites do gênero humano. Para vários escritores - Voltaire, Diderot, Rousseau, Montesquieu, etc. - os grandes macacos interpelam a identidade do Homem. Neste século que se emancipa de todo o pensamento religioso pelas diversas vias do ateísmo ou do teísmo para elevar a deusa Razão, como definir os limites do gênero humano?" (páginas 94/95)

"O Homem é o Utensílio"

"A pré-história é, por definição, o estudo da evolução cultural do Homem. Aqui está uma frase digna de La Palisse: porque o homem é o utensílio. Por conseguinte, isso não poderia dizer respeito aos grandes macacos - está fora de causa por decreto pré-histórico na aplicação da lei do progresso.

E, no entanto... Em 1871, Charles Darwin publica 'The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex'. Retoma as observações feitas por dois exploradores naturalistas, Savage e Wyman, num artigo publicado em Boston, em 1844. Esses dois autores contam que viram chimpanzés na África Ocidental usando utensílios de pedra para partir nozes. O homem não seria, pois, o único a servir-se de utensílios! Como é possível que um fato como esse tenha sido ocultado durante um século? É certo que Darwin contenta-se em citar essa observação que lhe merece uma única frase. Mas precisamente na época em que nasce a Pré-História e que tem como fundamento 'O Homem é o Utensílio', esse fato dá o que pensar." (página 101)

A Cultura e a Política dos chimpanzés

"Todavia, a cultura não passa apenas pelo utensílio de pedra. O reducionismo forjado pela pré-história e cujo lema inalterável é 'O Homem é o utensílio de pedra' acaba por se esboroar. Além dos utensílios, os chimpanzés manifestam diferenças comportamentais na comunicação, nas saudações, na prática da caça, no acesso a determinados alimentos, no modo de se catarem, etc. Os chimpanzés, tal como os últimos orangotangos que sobrevivem ainda em Sumatra e Bornéu, partilham conosco essas aptidões para inovar e difundir

novos comportamentos adquiridos, alguns dos quais se transmitem, tornando-se tradições e assinalando diferenças culturais entre os grupos.

(...) São os costumes, mais do que o uso de utensílios de pedra que perturbam a nossa humanidade. Tanto nos chimpanzés como no homem, observa-se um leque de comportamentos que vão dos mais sórdidos aos mais nobres. Os chimpanzés machos formam coligações com o único objetivo de agredir os vizinhos; guerreiam-se. No seio de cada comunidade, as lutas pelo poder mobilizam todas as fibras do político, com coligações, traições, submissões, alianças e, por vezes, assassinatos. Os chimpanzés são macacos maquiavélicos e esses jogos de poder interessam tanto aos machos como às fêmeas. Os conflitos são motivados muito mais por apostas sociais do que pelo acesso aos alimentos ou aos privilégios únicos do sexo. Aliás, a partilha do alimento e os jogos muito complexos entre os dois sexos intervêm nas relações sociais e políticas." (página 110)

O Espírito dos chimpanzés

"Vidas sociais tão complexas requerem a existência de noções de bem e de mal. Às agressões respondem reconciliações para resolver os conflitos, por vezes com mediações efetuadas por intermediários. Isso passa também por uma teoria do espírito, visto que eles se mostram dotados de empatia e de simpatia. A mentira, a perfídia, a amizade, o riso, a tristeza e a alegria moldam a vida dos chimpanzés, bem como tantas outras manifestações da consciência de si, do outro e do grupo." (página 101)

---XXX---

O autor segue comentando a complexidade da cultura, da política e do espírito dos bonobos (chimpanzés pigmeus) e gasta mais de duas dezenas de páginas para defender a ampliação dos Direitos Civis a todos grandes antropóides vivos.

Aspectos sociais do bipedalismo

Após comentar as origens do bipedalismo, o autor desenvolveu um interessante raciocínio sobre as implicações sociais desse meio de locomoção:

"Em termos clássicos, como já referimos, as adaptações são pensadas em relação com os habitats e seus vários componentes, como fatores da seleção natural. Mas há também uma dimensão social ligada às características dos grupos ou das comunidades. Levantar-se para caminhar direito pode fazer-se apenas por comodidade ou para interagir com os outros, nomeadamente para ameaçar.

Assumir essa posição pode também corresponder a uma atitude social específica. Se o fato de o animal se endireitar for entendido como a afirmação de um estatuto dominante, de um desafio ou de uma intimidação, o uso da bipedia limita-se a esses contextos sociais tensos e não pode praticar-se de ânimo leve.

Em contrapartida, se um jovem cresce num contexto social em que o uso da bipedia faz parte dos modos de deslocação escolhidos para diversos fins,

acabará por adotar voluntariamente o hábito. É o que demonstram experiências recentes: se colocarmos jovens macacos ou grandes macacos num contexto social em que os adultos se deslocam quase sempre direitos, quando chegam à idade adulta, optam muitas vezes por esse tipo de locomoção.

Inversamente, se um 'homenzinho', para retomar a expressão usada pelos animais em 'O Livro da Selva', Mogli se encontra num meio social constituído por indivíduos quadrúpedes como os lobos, deslocar-se-á a quatro patas com velocidade, mas terá uma grande dificuldade em adquirir uma bipedia eficaz, tanto mais que entrará tardiamente no mundo dos homens bípedes. Esse aspecto social do meio continua a ser muito negligenciado nos estudos consagrados sobre a evolução do Homem.”

O Enigma da Esfinge

"Os libertinos, ao inspirarem-se nas instituições de Vanini, estavam adiantados dois séculos em relação aos antropólogos. Tinham interpretado corretamente o enigma da esfinge de Édipo acerca deste animal bizarro que é o Homem, que começa a vida a quatro patas. Os outros bípedes, como as aves, começam a vida como bípedes. Os pais não lhes mostram nada nem lhes solicitam que se desloquem assim. Eles são obrigados a seguir os pais, mas não têm alternativa a andar sobre duas patas - a aprendizagem do voo é um assunto à parte.

Se uma criança se encontra num contexto em que não recebe nenhuma solicitação para caminhar de pé, apesar e ter maior aptidão para a bipedia em termos genéticos mas não programados, continua a andar a quatro patas. É o que permite apreciar o que são esses constrangimentos filogenéticos. Na realidade, trata-se de um jogo de hipóteses que se exprime de um modo muito diferente em função das atitudes dominantes do grupo social, quaisquer que sejam os motivos." (página 125/126)

Opções comportamentais nos moldaram!

"O raciocínio desenvolvido em torno da bipedia aplica-se à cultura, ao utensílio, à caça, à comunicação, à linguagem, etc. Apesar de a criança nascer com aptidões cognitivas para a aprendizagem da linguagem articulada, se não passar os primeiros anos de vida num contexto social humano, não falará.

A evolução colocou-nos, portanto, numa situação complexa que faz com que o que somos resulte de uma dialética entre os nossos constrangimentos filogenéticos - a história natural da nossa linhagem - e o meio natural e sobretudo social em que se constrói a nossa ontogênese. Assim se hoje somos homens, isso deve-se tanto a alterações do meio vividas pelos nossos antecessores, como ao fato de eles terem privilegiado certos comportamentos em relação a outros.

Nessa outra perspectiva da evolução, os chimpanzés tornaram-se chimpanzés, os bonobos tornaram-se bonobos e os homens tornaram-se homens em resposta tanto às pressões da seleção natural, como devido a opções

comportamentais efetuadas pelos respectivos antepassados, transmitidas, modificadas ou abandonadas ao longo das gerações." (páginas 126/127)

O autor usa o termo "especismo" (em analogia ao racismo, ao sexismo, etc.), para definir nossa relação com os outros grandes primatas e conclui que eles, que detêm grande parte de nossa humanidade, merecem sim ser protegidos, antes que desapareçam para sempre da Terra.

Espécies de Homens

"Sabemos pouco acerca das modalidades de evolução do gênero *Homo* entre 1,7 milhões de anos e setecentos mil anos. Encontramos vestígios arqueológicos e fósseis tanto na África como nas franjas meridionais da Eurásia, mas trata-se de uma única espécie ou de linhagens humanas já separadas?

Seja como for, perfilam-se diferentes linhagens com os Neandertais na Europa, na Ásia Central e no Oriente Médio; *Homo erectus* e homens de Solo na Ásia, nomeadamente em Java; e o *Homo sapiens*, a nossa espécie, na África e no Oriente Médio. Se acrescentarmos os pequenos homens de Flores que se encontravam isolados nessa ilha a leste de Java, são nada mais nada menos do que quatro espécies de homens repartidas pelo Velho Mundo." (página 138/139)

Limiar da Humanidade

"Encontramo-nos, portanto, no limiar da humanidade moderna com essas quatro espécies, representantes do gênero *Homo* repartidos por todo o Velho Mundo há apenas sessenta mil anos.

Todos esses homens dominaram o fogo há muito tempo e dispõem de tecnologias e de culturas que fazem parte do período mais recente e mais rico da pré-história. Os *Homo sapiens*, tal como os Neandertais, enterram os seus mortos pelo menos desde há cem mil anos, enquanto os vestígios mais antigos de tratamento do corpo dos defuntos remontam há mais de trezentos mil anos. Crenças que admitem que a morte não apaga tudo, a estética e pouco depois os frêmitos da arte evidenciam idéias e pensamentos que entram numa pluralidade muito antiga das representações do mundo e de outros mundos.

Os avanços recentes da paleoantropologia e da pré-história definem cada vez com mais consistência, mais cientificamente, essa paisagem de uma humanidade composta por várias espécies de homens. Não se chegou até aqui sem dificuldades, e as controvérsias de ontem e de hoje são dignas do Congresso de Valhadolid." (página 139)

Scala naturae

"A ideia da unicidade do Homem feito à imagem de Deus marca profundamente a Paleoantropologia. Até os anos oitenta do século XX, ela domina a estrutura de uma evolução linear e progressiva assente na *scala naturae*. A distribuição discreta dos fósseis humanos na sucessão dos níveis arqueológicos tal como ao longo dos estratos geológicos revela uma evolução linear com - para

retomar o afresco de André Leori-Gourhan - esse avanço lento e progressivo da hominização expresso no endireitar progressivo do corpo, numa bipedia cada vez mais segura, na libertação da mão, na evolução das técnicas de corte da pedra e no desenvolvimento do cérebro, que culminam no *Homo sapiens*." (página 139)

Destruição da linearidade

"A linearidade da hominização vai ser destruída pelos Neandertais no Oriente Próximo. Descobrimos sepulturas neandertais muito antigas e aparentemente contemporâneas dos túmulos mais antigos do *Homo sapiens*. Os contextos arqueológicos fazem parte do mesmo contexto tecnocultural dito do Paleolítico Médio ou, nesse caso, do Musteriense.

É o que confirmam os novos métodos de datação absoluta - métodos capazes de determinar idades em anos com base em diferentes fenômenos atômicos: homens de Neandertal e *Homo sapiens* viviam na mesma região do mundo há cem mil anos! Sem que saibamos verdadeiramente a qualidade das relações existentes entre eles, participam de uma mesma entidade técnica e cultural e manifestam uma verdadeira espiritualidade." (página 140)

"Atitude humanista digna de Las Casas"

"Por isso, colocaram-se esses homens na mesma espécie, como duas subespécies: *Homo sapiens neanderthalensis* e *Homo sapiens sapiens*. Uma única humanidade pensante proveniente da evolução. Estamos perante uma atitude humanista digna de Las Casas, ou a vontade de conservar o caráter distinto e único de uma só espécie pensante, o *Homo sapiens*, correndo o risco de aí incluímos homens que não concluíram totalmente o seu processo de hominização? Os Neandertais antecipam em quarenta mil anos a sorte dos índios da América, que passaram ao lado da fé." (página 140)

Homo sapiens X *Homo neanderthalensis*

"A investigação na área da Paleoantropologia da última década tende a pôr em evidência uma diferença no nível de espécies entre os neandertais, de novo denominados *Homo neanderthalensis*, e os *Homo sapiens*. Há um feixe convergente de estudos que consolidam essa hipótese.

Do lado dos fósseis, seguimos as modalidades de evolução dessas duas linhagens, uma na Europa e a outra na África e no Oriente Próximo. Algumas obras de antropologia física sobre o desenvolvimento ontogenético e a morfologia realçam diferenças significativas.

Chegamos à mesma conclusão a partir da genética histórica, porque foi possível extrair e comparar o DNA fóssil de neandertais e de *Homo sapiens* atuais e outros contemporâneos desses neandertais.

Estamos perante duas espécies contemporâneas, o que significa que as mulheres e os homens desses dois tipos de Homo não podiam reproduzir-se

entre si. Apesar de não ser evidente estabelecer uma distinção ao nível da espécie para formas fósseis - o que não exclui casos de tipos e hibridização até hoje muito discutidos - confirma-se que dois tipos de homens partilhavam a mesma faixa ocidental do Velho Mundo e se reencontraram no Oriente Próximo entre cem mil e cinquenta mil anos atrás. Pergunta-se: São todos igualmente humanos ou não?" (página 141)

Notem que o autor escreveu o livro em 2009, portanto, antes das últimas descobertas sobre hibridização. Sobre isso, recomendo que leiam o tópico *Homo neanderthalensis*, na comunidade Paleoantropologia, no Orkut: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=79846237&tid=5287304246924433049>

Notem também que o autor citou as comparações de DNA entre *Homo neanderthalensis*, *Homo sapiens* atuais e *Homo sapiens* contemporâneos aos neandertais. Quero dizer que os estudos também incluíram alguns antropóides atuais, como os chimpanzés (*Pan troglodytes*), para fins de auxílio na marcação genética.

Os estudos genéticos foram além, determinando, por meio do relógio biológico, a época de separação das espécies e o nosso ancestral comum (*Homo heidelbergensis*).

A exclusão do Neandertal

"A partir do momento em que se forjam critérios, a partir do momento em que se classifica, começam a surgir exclusões de toda a espécie. E é precisamente essa sorte que paleoantropólogos herdeiros de Sepúlveda destinam ao *Homo neanderthalensis*.

Desde a descoberta oficial do primeiro homem de Neandertal em 1856 que esse homem fóssil tão próximo de nós não deixa de ser alvo de juízos degradantes. Os homens de Neandertal são descritos sucessivamente como imbecis, seres patológicos, bípedes que marcham com as costas curvadas e com a cabeça virada para baixo. Mais recentemente, contesta-se a sua aptidão para a linguagem, recusa-se por princípio qualquer testemunho de expressão artística e volta a pôr-se em causa a autenticidade dos seus túmulos, sugerindo que eles se contentavam em imitar o *Homo sapiens* nesse ponto.

Por que uma tal obstinação em fazer da alteridade critério de exclusão em vez de louvar a expressão da diversidade no seio de um mesma humanidade?" (páginas 141/142)

A solidão do *Homo sapiens*

"A evolução colocou o Homem numa situação estranha, a da sua solidão. A antropologia biológica - que engloba doravante a antropologia física - demonstra sem ambiguidade que todos os povos humanos atuais pertencem a uma única e mesma espécie. Os estudos de genética das populações e de genética histórica - a antropologia molecular - confirmam o que muitos antropólogos afirmavam há muito tempo, nomeadamente a verificação de que, desde que há mulheres e homens *Homo sapiens*, eles reproduzem-se entre si: é o critério da espécie biológica." (página 172)

Pigmeu grávida

"É uma das cenas mais fortes do filme "De Homem para Homem": enquanto que alguns antropólogos vêem na mulher pigmeu mais uma espécie

intermediária entre os grandes macacos e o homem, um elo que falta, e se apressam a abrir-lhe o ventre para lhe tirarem o filho e dissecá-lo, outro antropólogo protege-a ao afirmar que aquela criança também é dele!" (página 173)

Unidade corporal do *Homo sapiens*

"Muito antes do despertar das ciências do Homem, certos povos que se encontravam devido às suas migrações milenares sabiam que estavam perante outros homens. Só o homem se desloca com essa bipedia tão particular, e a diversidade dos costumes, dos aparatos, das danças, dos cantos, etc., nunca esconde essa unidade corporal do *Homo sapiens*. Uma vez passada a surpresa do encontro, pode restar o medo, a agressão, a incompreensão... ou a atração entre os corpos, que só diferem pelo sexo." (página 173)

Verdadeiro encontro de humanidades

"Como imaginar tais encontros nos tempos da Pré-História em que havia várias espécies de homens na Terra, na época dos homens de Cro-Magnon, de Neandertal, de Solo e de Flores?"

Homo floresiensis

"Há pouco tempo, descobriu-se que os *Homo sapiens* navegam por cabotagem pelo menos há cem mil anos. Lembremo-nos de que os *Homo erectus* de Java chegaram à ilha de Flores há oitocentos mil anos com o auxílio de jangadas e que aí, isolados, evoluíram por nanismo insular e deram origem à espécie de homens menores que conhecemos até hoje, o *Homo floresiensis*.

Com o seu pequeno cérebro de trezentos e oitenta centímetros cúbicos, semelhante ao de um bonobo, desenvolveram utensílios de pedra muito elaborados e que os *Homo sapiens* da mesma época, dotados de um cérebro três a quatro vezes maior, não teriam renegado!" (página 178)

"É no contexto do Próximo Oriente e da Europa, entre cem mil a trinta mil anos atrás, que dispomos de elementos em elevado número para propor alguns cenários das relações entre os *Homo sapiens* e os *Homo neanderthalensis*. Durante um primeiro período que corresponde ao Paleolítico Médio - entre cento e vinte mil a quarenta mil anos atrás - essas duas espécies de homens partilhavam o mesmo complexo tecnocultural.

Nessas condições, é difícil apontar influências num ou noutro sentido. Eles evitavam encontrar-se? Não hesitavam em encontrar-se? O que acontecia no caso de um encontro fortuito? Tanto uns como outros tentavam fugir, esconder-se ou iam ao encontro uns dos outros? Tentavam incomodar os outros ou eliminá-los? Organizavam encontros sazonais para permutar, partilhar? Todo o registro de encontros possíveis, tanto das suas motivações como dos seus crimes, se pratica entre as populações humanas da nossa espécie; as situações deviam ser muito diversas entre populações *neanderthalensis* e *sapiens*.

Como quer que tenham sido essas relações, não se trata de encontros entre duas espécies de homens, mas entre homens e mulheres de culturas diferentes, homens e mulheres que pertenciam à mesma humanidade." (páginas 173/174)

Povo Guanche

"A prática da navegação em alto-mar remonta há menos de cinquenta mil anos após o povoamento da Austrália. Então, essa atração pelo sol-nascente declina-se no outro sentido para homens de Cro-Magnon europeus? Por agora, não dispomos de nenhum vestígio arqueológico ou paleoantropológico de tais deslocamentos por navegação; no entanto, alguns homens de Cro-Magnon conseguiram chegar às ilhas Canárias. Os seus descendentes, os Guanches, tinham uma morfologia craniana que, segundo alguns paleoantropólogos, fazia lembrar os homens de Cro-Magnon (eles foram exterminados pelos espanhóis, dado que as recomendações do Congresso de Valhadolid permaneceram letra morta).

Então, teriam outros Cro-Magnon sido empurrados mais para oeste, ao sabor das correntes marítimas e da baixa do nível das águas durante os períodos glaciares? Nada é impossível, mas faltam os elementos de prova." (página 178)

O utensílio surgiu antes do gênero Homo!

"Se, como pensam cada vez mais paleoantropólogos, entre os quais eu próprio, o gênero Homo, no sentido rigoroso do termo, surge com o *Homo ergaster*, os utensílios mais antigos de pedra lascada antecedem o nosso gênero pelo menos em meio milhão de anos." (página 207)

O Homem é o Utensílio": uma construção ideológica

"Assim, segundo os avanços mais recentes nos domínios da Paleontologia, da pré-história e da etologia, destacam-se as constatações seguintes: os primeiros utensílios de pedra lascada antecedem em várias centenas de milhares de anos os primeiros representantes do gênero Homo em sentido estrito.

Há várias espécies de homínidos que se encontram associadas a esses utensílios mais antigos, sem que saibamos quem os inventou ou fez deles usos mais sistemáticos; esses utensílios foram igualmente bem utilizados em materiais vegetais e animais, em atividades observadas com mais frequência em fêmeas chimpanzés em matérias vegetais e mais amiudadamente efetuadas por mulheres no desmanchar de carcaças nas populações humanas. 'O Homem é o Utensílio' é, portanto, uma construção ideológica." (página 207)

Resenha por Euder Monteiro.

Edição por Fernando Bilharinho – 19/03/2012.